

opusdei.org

# Deus e eu? Liturgia e sacramentos

A centralidade de Jesus Cristo na nossa vida adquire o seu sentido pleno e real na celebração litúrgica, quando Deus se deixa ‘tocar’ por nós e nos traz o hoje da sua salvação.

03/12/2019

Nós, cristãos, cremos e proclamamos Jesus Cristo, o Filho de Deus, que morreu e ressuscitou por todos e cada um de nós, inserindo-se nos acontecimentos da linhagem humana para fazer deles uma

história de salvação. Não podemos chegar a Deus, o Pai, se não nos tornarmos irmãos de Cristo pela água e o Espírito, se não seguirmos – de coração – os seus gestos e palavras.

Sentindo profundamente essa realidade, Paulo VI, na mais longa viagem do seu Pontificado, pronunciava, diante de uma multidão reunida em Manila, palavras que comovem porque são um elogio vibrante a Cristo que brotava do seu coração: “Eu nunca me cansaria de falar sobre Ele. Ele é o pão e a fonte de água viva, que satisfaz nossa fome e nossa sede. Ele é nosso pastor, nosso exemplo, nosso conforto, nosso irmão. Por nós falou, operou milagres, instituiu o novo reino em que os pobres são bem-aventurados, em que a paz é o princípio da convivência, em que os limpos de coração e aqueles que choram são exaltados e consolados,

em que aqueles que têm fome de justiça serão saciados, em que os pecadores podem alcançar o perdão, em que todos são irmãos. Jesus Cristo! Lembrem-se disso: Ele é o objeto perene da nossa pregação. Nosso desejo é que o nome d'Ele ressoe até nos confins da terra e para todo o sempre"[1].

O fato de que o núcleo do cristianismo seja a pessoa viva de Jesus, o Crucificado - Ressuscitado, convida-nos a colocar a lógica da nossa identidade e da nossa vida em conexão com Cristo que morre e ressuscita, e perceber que toda a nossa existência carrega, dia após dia, uma marca Pascal. Para entender essa profunda afirmação é necessário prestar uma especial atenção à pessoa de Cristo em sua relação íntima com o mistério litúrgico.

**'Roçar' Cristo na liturgia**

Em uma ocasião, São Josemaria recordava que “um bispo muito santo, meu amigo, numa das suas incessantes visitas às catequeses da sua diocese, perguntava aos meninos por que, para amar Jesus, é preciso receba-Lo amiúde na Comunhão. Ninguém acertava na resposta. Por fim, um ciganinho tismado e muito sujo respondeu: ‘Porque *pra* amá-Lo é preciso *roça*-Lo’”[2]. Aquele menino destacou, sem querer, uma questão central: o ‘*roçar*’ Cristo, ou seja, onde, quando e como o cristão pode ter a sua experiência pessoal do Ressuscitado. Porque para viver como filhos no Filho, além de saber conceitualmente quem é Jesus, é necessário ‘*roça*-Lo’, ou seja, que exista a possibilidade de relacionar-se com Ele de uma maneira real. Mas, isso é viável? Com quanto realismo?

*Experiência* aqui significa conhecer e sentir Cristo vivo. Pois bem, na

Igreja, tratar desta experiência equivale a falar principalmente da santa liturgia, como local privilegiado para viver a *paixão pelo divino*, algo que para os cristãos não é opcional ou irrelevante, porque ser contemplativos no meio do mundo requer crescer sob o calor da Palavra de Deus e da liturgia.

## **Experimentar o ‘hoje’ da salvação**

Então, é possível ‘roçar’ Cristo hoje, após a sua ascensão ao céu? Para responder a essa pergunta, é útil contemplar uma passagem do livro de Êxodo onde se descreve o desejo de Moisés de ter uma experiência mais íntima de Deus: “Moisés disse: ‘Mostra-me a tua glória!’ E o Senhor respondeu: ‘Farei passar diante de ti toda a minha bondade (...) Não poderás ver minha face, porque ninguém me pode ver e permanecer vivo’”. Sendo Deus infinito, é impossível para o homem abarcar a

sua magnitude. No entanto, o Senhor acrescenta: “quando a minha glória passar, eu te porei na fenda da rocha e te cobrirei com a mão enquanto passo. Quando eu retirar a mão, tu me verás pelas costas” (Ex 33,18-23). Participar nas ações sagradas da Igreja poderia se comparar com aquela fenda da qual podemos contemplar as espécies sagradas, que – sem serem as costas de Deus – são o sacramento do seu verdadeiro Corpo e do seu verdadeiro Sangue.

Outro texto do Evangelho que reúne uma experiência significativa é a passagem da hemorroíssa. Aquela mulher toca com fé a borda do manto de Cristo e a força do Senhor a cura da sua prolongada doença. A imagem que o Catecismo da Igreja Católica escolhe para iniciar a exposição sobre a liturgia e os sacramentos, surpreendentemente, é a representação mais antiga da passagem da hemorroíssa nas

catacumbas de São Marcelino e São Pedro. Por que escolher esta imagem? A razão se fundamenta em que os sacramentos da Igreja continuam agora a obra de salvação que Cristo realizou durante a sua vida terrena. Os sacramentos são como forças que saem do Corpo de Cristo para nos dar a nova vida de Cristo[3]. Santo Ambrósio explicava-o de maneira muito viva e realista: “ó Cristo, a quem encontro vivo em teus sacramentos”[4].

Os termos-chave desta frase são ‘vivo’ e ‘sacramentos’. O primeiro se refere ao aparecimento do Ressuscitado, à sua presença real. O segundo se refere às celebrações litúrgicas. E Ambrósio une as duas realidades ao verbo encontrar. Nas celebrações ocorre o encontro entre Cristo e a Igreja. Por isso, é possível experimentar, aqui e agora, o mesmo poder divino do Filho de Deus que, transcendendo a distância geográfica

e temporal, salva o homem por inteiro, quando a Igreja celebra a liturgia de cada um dos sacramentos.

E nos sacramentos, o que vemos materialmente é água, pão, vinho, óleo, luz, a cruz... Observamos alguns gestos e ouvimos algumas palavras. São gestos e palavras que Jesus, ao tomar a nossa natureza – ao encarnar – assumiu para fazer-se presente por meio deles a fim de continuar curando, perdoadando ou ensinando[5]. É uma lógica difícil de entender, como foi difícil para Filipe e, por isso, o Senhor tem que ajudá-lo a entender com uma carinhosa repreensão: “Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9). E isso não é algo que Cristo decide, mas algo que Cristo é. Que Ele seja o grande Sacramento, não provém da sua vontade, mas do seu ser, da sua ontologia. Conseqüentemente, a Igreja é o sacramento de Cristo e os sacramentos são os sacramentos da

Igreja. Já foi dito pedagogicamente – com as limitações de um exemplo – que, quando se trata de alcançar um objeto, a *cabeça* (Cristo) envia uma ordem ao *braço* (a Igreja) para que os *dedos* (os sacramentos) o peguem. Os sacramentos são o organismo sacramental da Igreja.

### **Um contato sacramental**

A segunda pergunta questionava que tipo de contato é estabelecido entre Cristo e nós. Na fé da Igreja, esse contato é chamado de mistérico ou sacramental, quer dizer, acontece através de um sistema de sinais e símbolos.

A comunicação do mistério de Cristo conosco é realizada através de mediações simbólicas, que são os ritos do culto cristão: a celebração do batismo, da Eucaristia, do matrimônio... Tudo tem um significado no universo simbólico da liturgia, tudo isso manifesta fé. Os

sacramentos se chamam *sacramentos da fé*.

A liturgia é uma membrana sutil que relaciona o mistério de Deus e o mistério do homem. Essa membrana é uma membrana de símbolos. O espaço de uma catedral, ermida ou oratório; a hora do amanhecer ou do pôr do sol, do Natal ou da Quaresma, os textos da Bíblia e as orações do Missal. Os gestos de adorar de joelhos ou de receber as cinzas. A comunidade reunida ao redor do altar, as músicas e aclamações, luzes e cores, aromas e sabores..., todos esses – e ainda outros – são os símbolos cristãos em cuja celebração reverbera a insondável transcendência de Deus, o poder do seu amor salvador. Estes símbolos são como fendas pelas quais o Eterno ilumina a nossa cotidianidade até nos tornarmos homens e mulheres dignos de “servi-Lo em Sua presença”[6]. Por meio deles, Deus

nos permite pregar a liturgia da Jerusalém do céu. Participar definitivamente nela será um dia a consumação definitiva da nossa vocação batismal.

Essa conaturalidade com os símbolos da liturgia é patrimônio dos cristãos. Assim como uma mãe não mima o seu filho somente por meio das palavras, mas também utilizando uma rica variedade de códigos maternos de comunicação, assim a celebração litúrgica convida o cristão a participar da ação sagrada com todas as possibilidades da sua sensibilidade, com a alma e com o corpo, com todos os seus sentidos: aclama a Palavra de Deus, venera o Santíssimo Sacramento, canta os hinos com que os Anjos louvam a Deus, oferece incenso, prova o pão e vinho consagrados, conserva silêncio... Dessa maneira, os sinais do mistério de Cristo nos conduzem pela mão ao próprio mistério de Cristo e

então, todo o peso da verdade que esse mistério tem é percebido por nós na atmosfera envolvente do rito que o celebramos.

E, além da conaturalidade, o apreço. Gostamos desses humildes véus por trás dos quais o Ressuscitado manifesta e oculta a sua presença. Nesse sentido, Santo Agostinho confessava: “ainda não tratava meu Deus, Jesus, de humilde para humilde, nem sabia que lição ministrava sua fraqueza”[7].

## **O realismo sacramental**

No começo, também nos perguntávamos: com quanto realismo? Temos que mencionar também o realismo sacramental, se quisermos responder à pergunta sobre até que ponto esse ‘*roçar*’, esse contato com Cristo é verdadeiro. O realismo sacramental significa que, ao participar na liturgia, recebemos a própria realidade divina através

dos sinais da Igreja. Os sinais e os símbolos litúrgicos estão repletos dessa realidade, especialmente na Eucaristia. Dizer que o contato entre Cristo e a Igreja é sacramental em nada diminui a pura realidade desse contato.

O substantivo ‘*contato*’ é um termo que encontramos nas antigas fontes litúrgicas: “ó Deus, que na participação do teu sacramento chegas até nós (*contingis*)”, isto é, entra em contato conosco, se aproxima até nos atingir[8]. Deus contata conosco e nós contactamos com Deus por meio da participação no mistério celebrado. Contatos físicos com o Senhor tiveram São Tomé, a hemorroíssa ou os leprosos. Em nós, esses contatos são agora sacramentais. Não se trata de imaginar o passado como algo que agora está presente apenas para a fé dos que acreditam. A liturgia não diz: *isto simboliza, imagine...* mas afirma:

isto é. Não é uma mera afirmação, é uma notícia! É um acontecimento real.

Os Padres da Igreja enfatizaram esse realismo do mistério sacramental e o demonstraram através de expressões, como no caso do Papa São Leão Magno, que, comentando os efeitos do batismo sobre quem o recebe, afirma: “o corpo do batizado é a carne do Crucificado”<sup>[9]</sup>. Fruto do profundo realismo sacramental, que palpita nesta expressão, é a abertura imediata de um grande horizonte para compreender quem é um cristão: uma identidade que abraça dimensões que vão do valor sagrado do seu corpo até a esperança da glória com a qual será revestido. Da condição de uma pessoa que tem o mesmo corpo de Cristo, até a santidade dos relacionamentos esponsais (cf. Ef 3,6). São valores surpreendentes que, quando brotam da fonte inesgotável que a Igreja

oferece em seus sacramentos, exalta ao extremo a condição humana do batizado.

Por outro lado, na tensão de narrar o mistério, as linguagens não se excluem, mas se complementam mutuamente, e por isso a liturgia sabe intuir quando é o momento da palavra, quando é o momento da música ou do silêncio, quando é o momento do gesto ou da adoração. Mas sempre é hora da arte, pois, sendo Deus a eterna Beleza, o seu acontecer sacramental – a liturgia – constitui-se a arte das artes. Nela, verdade e bem são mostrados revestidos de beleza e, por isso, o decoro e o bom gosto estão sempre presentes, por serem elementos estruturantes da ação sagrada. A experiência de Deus passa por essa *via pulchritudinis* [caminho da beleza], que é a celebração, cada celebração é um acontecimento de alto nível estético.

Para que os ritos tragam significado de maneira notória, são necessárias celebrações que irradiem verdade e simplicidade, autenticidade e dignidade. A celebração ocorre na solenidade do simples. Nada do que intervém nela pode ser prosaico, nem suntuoso, mas tudo deve ser límpido, nobre e de bom gosto. São as qualidades do decoro com que a Esposa dedica a sua humilde homenagem ao Esposo, seu apreço ao que celebra: o amor salvífico transbordante da Santíssima Trindade.

Felix Maria Arocena

Tradução: Mônica Diez

---

[1] São Paulo VI, Homilia durante uma viagem pastoral a Manila, Filipinas 29-XI-1970.

[2] São Josemaria, Anotações de uma meditação, 12-IV-1937, em “Crescer para dentro”, p. 50. Este bispo era dom Manuel González, que ocupou a sede de Málaga, na Espanha e foi canonizado em 2016.

[3] Catecismo da Igreja Católica, n. 1066.

[4] Santo Ambrósio, Apologia prophetæ David 1, 2.

[5] São Josemaria lembrava o ensinamento dos Padres quando diziam que os sacramentos são “pegadas da encarnação do Verbo” (cfr. São Josemaria Escrivá. *Amar o mundo apaixonadamente*).

[6] Missal Romano, Oração Eucarística II.

[7] Santo Agostinho, Confissões, 7, 18.

[8] Cfr. Sacramentário Veronense 1256. O verbo latino *contingo* é um

composto de *tango* (*cum-tango*), que significa tocar. *Contingire* remete a ‘contatar’.

[9] São Leão Magno 70, 4: “corpus regenerati fit caro *Crucifixi*”.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
opusdei.org/pt-br/article/liturgia-igreja-  
catolica-sacramentos/](https://opusdei.org/pt-br/article/liturgia-igreja-catolica-sacramentos/) (27/03/2026)